



ENCONTROS DE (DA) HISTÓRIA: NETOS DA *FRENTE NEGRA* NA UNIVERSIDADE¹

Resumo: A historiadora Lucia Helena Oliveira Silva narra sua trajetória acadêmica na graduação e pós-graduação na Unicamp. Recupera as memórias sobre São Paulo a partir do que ouvia dos seus avôs que participaram da Frente Negra. Analisa a atmosfera acadêmica dos debates da historiografia brasileira no alvorecer do século XX e o impacto da produção das intelectuais negras.

Palavras-chaves: História intelectual, historiografia, pós-emancipação e Lucia Helena Oliveira Silva

BLACK FRONT AND UNIVERSITY PROJECTS

Abstract: Lucia Helena Oliveira Silva remembers her academic trajectory in undergraduate and graduate courses at Unicamp. She tells about her memories that she heard from her grandparents who participated in the Black Front. It highlights the academic atmosphere of debates in Brazilian historiography at the dawn of the 20th century and the impact of the production of black intellectuals.

Keywords: Intellectual history, historiography, post-emancipation and Lucia Helena Oliveira Silva

FRENTE NEGRO Y PROYECTOS UNIVERSITARIOS

Resumen: Lucia Helena Oliveira Silva recuerda su trayectoria académica en cursos de pre y posgrado en la Unicamp. Cuenta los recuerdos que escuchó de sus abuelos que participaron en el Frente Negro. Destaca el ambiente académico de los debates en la historiografía brasileña en los albores del siglo XX y el impacto de la producción de intelectuales negros.

Palabras claves: Historia intelectual, historiografía, post emancipación y Lucía Helena Oliveira Silva

FRONT NOIR ET PROJECTS UNIVERSITAIRES

Résumé: Lucia Helena Oliveira Silva se souvient de sa trajectoire académique dans les cours de premier cycle et des cycles supérieurs à Unicamp. Elle raconte ses souvenirs

¹Entrevista, edição e organização de Stephane Ramos (doutoranda em História pela Universidade de Brasília, E-mail: stephane.rcosta@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5162-5970>) e Flávio Gomes (professor da UFRJ e pesquisador do CNPq, Professor da UFRJ e pesquisador do CNPq. E-mail: escravo@prolink.com.br . ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2386-7040>)

qu'elle a entendus de ses grands-parents qui ont participé au Front noir. Il met en lumière l'atmosphère académique des débats de l'historiographie brésilienne à l'aube du XXe siècle et l'impact de la production d'intellectuels noirs

Mots clés: Histoire intellectuelle, historiographie, post-émancipation et Lucia Helena Oliveira Silva

LUCIA HELENA OLIVEIRA SILVA

Professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Em 1993 concluiu o Mestrado em Educação com a dissertação “As estratégias da sedução: mulheres escravas apre(e)ndendo a liberdade: 1850-1888” e em 2001, o Doutorado em História com a tese “Construindo uma Nova Vida: Migrantes Paulistas Afrodescendentes na Cidade do Rio de Janeiro no Pós-Abolição (1888-1926)”, ambas pela Unicamp. Entre os seus livros destacam-se “Paulistas afrodescendentes no Rio de Janeiro pós-Abolição, 1888- 1926” (Humanitas, 2016) e as coletâneas “Festas : práticas de sociabilidade e diversidade no Brasil” (Humanitas, 2020); “Olhar sobre a história das Áfricas” (Editora Appris, 2019); “O mundo atlântico, tempos e espaços” (UNESP, 2013); “Paraná: memórias, histórias locais e ensino de História” (Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2011); “ A colonização japonesa em Assaí”, (Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2010); “Temas e Questões para o ensino de história do Paraná”, (Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2008), entre outras. Tem publicado artigos nos periódicos *Africana Studia*, *Cadernos Pagu* (UNICAMP), *Caminhos da História* (UNIMONTES), *Ethnos Brasil*, *Fênix* (UFU. Online), *História& Perspectivas* (UFU), *História* (São Paulo), *Maquinações* (UEL), *Mnemonise Revista*, *Opsis*, *Revista Diálogos*, *Revista Mediações* (UEL), *Revista Mundos do Trabalho*, *Revista Tempo, Espaço e Linguagem*, e *Tempo e Argumento*, entre outros.

TRILHOS DAS MEMÓRIAS

Fale um pouco da sua origem familiar e trajetória até entrar na Universidade. Quais foram as primeiras referências familiares e extrafamiliares? Como foi a formação no primeiro e segundo grau?



Nasci em Campinas, filha de um ferroviário (José) e de uma empregada doméstica (Conceição). Meus avós maternos eram do Estado de São Paulo (Serra Negra e Americana) e meus paternos eram de Minas Gerais (Pihuí) e eram todos da área rural. Meu avô Cypriano, pai de minha de minha mãe veio de Amparo onde morava em uma fazenda para Campinas. Lá morou em um cortiço em que moravam diversos portugueses que trabalhavam na ferrovia na Companhia Mogiana. Eles conseguiram um lugar para ele e veja só: todos começavam a trabalhar na conservação das linhas cuidando de dormentes e tirando matos por quilômetros e por cinco anos. Meu avô ficou 10 anos e, isso porque gostavam dele. Posteriormente ele conseguiu emprego para meu pai José que conseguiu o SENAI da ferrovia para meus irmãos Marcelo e Robinson. Porém quando eles entraram a ferrovia estava em decadência e logo encerrou as atividades.

Meu avô Cypriano é a minha maior referência na história, pois sempre gostou de falar de sua origem familiar, e da história dos negros em Campinas. Meus avós paternos se foram cedo, mas tive mais contato com meu avô Joaquim que veio de Pihui interior de Minas Gerais. Somos em seis irmãos, eu sou a mais velha e estudamos sempre em escola pública. Minhas avós e minha mãe sempre trabalharam como empregadas domésticas, mas minha mãe pode estudar mais tarde já casada e com os filhos grandes e cursou História. Tenho cinco irmãos e sempre vivi junto de meus avós maternos. Meu avô Cypriano, embora tenha estudado até apenas até a 2^a. série do curso primário, lia muito, tinha interesse pela política e transmitiu este interesse para as filhas e para os netas e netos. Ele participou da *Frente Negra*, mas sofreu com a repressão e não falava muito sobre sua participação, mas sim da necessidade da população negra se engajar na luta contra a discriminação. Fiz o magistério em nível colegial e lecionei para crianças por mais de dez anos.

LEGADOS, PERCEPÇÕES E UMA MISSÃO

Como foi a escolha pela História? O que te motivava e evocava na graduação?

Meu gosto pela História foi iniciado pelo meu avô Cypriano e foi aumentando com o passar dos anos. Quando finalizei o curso de ensino médio no magistério optei por fazer História e não Pedagogia como as colegas do meu curso. Eu cursei História na



Puccamp [Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. Embora fosse paga, usufruí de bolsa parcial em alguns períodos.

O curso foi bom, mas voltado para a licenciatura sem ênfase na pesquisa que era exatamente o que eu queria. Ainda assim tive contatos e passei a participar do grupo de estudantes e professores negros da rede pública que a época reivindicava a preparação de uma pauta que introduzisse conteúdo da história dos negros para além da escravidão. O professor Galdino Pereira foi meu contato e acabamos por seguir posteriormente nossos estudos na pós-graduação do departamento de Educação da Unicamp. Esta participação me possibilitou reunir a militância nos movimentos negros da cidade com os estudos. Reuníamos no sábado de manhã para lermos textos e discutirmos e acreditávamos que para a mudança efetiva nos conteúdos dos livros didáticos das escolas deveríamos nós mesmos nos organizar. Acabamos por sermos convidados para oferecer cursos de formação sobre a criança negra e a educação que foi oferecido em Campinas e outras cidades do interior. Ao concluir minha graduação, minha inquietude me levou a procurar nos estudos e acabei por fazer uma especialização na Unicamp.

Sua graduação nos anos 90 e os seguintes foi também um momento de efervescência. Como isso te mobilizava em termos intelectuais? Quais os livros, abordagens, autores?

Minha ida para a Unicamp foi muito interessante. Concluí os estudos na Puccamp e no ano seguinte fui fazer uma especialização na Unicamp em Organização de Arquivos promovido pelo Centro de Memória. Ao frequentar a Unicamp passei a frequentar o IFCH e comecei também a fazer alguns cursos de graduação como aluna especial. Eu passei a conhecer uma historiografia totalmente nova e novas abordagens metodológicas que me fascinaram e afinal passei a ter contato com pesquisas com grande ênfase na *História Social*. Era também o período em que estavam chegando professores novos que passaram a trabalhar ao lado de um grupo consolidado de docentes que eram da linha marxista, o que tornava o curso muito rico com grandes debates. Ou seja, de um lado havia Hector Bruit, José Roberto do Amaral Lapa, Vavy Pacheco Borges e as novas discussões marxistas com orientações com referências como Foucault com o Ítalo Tronca, Também Silvia Lara, Célia Marinho de Azevedo, Sidney Chalhoub, Leila Algranti, Silvia Lara



entre outros. Havia também uma grande comoção no momento pela morte precoce do historiador Peter Eisenberg.

Eu fiz diversos cursos mesmo tendo feito graduação e dois especialmente me impressionaram e eram tópicos. Um foi sobre a história e origem do Racismo ministrado pela Célia Marinho que foi fantástico e me fez definir minha área da pesquisa definitivamente. O outro curso foi dado pelo Sidney Chalhoub chamado *A república pelo avesso*. Os dois cursos me levaram a literatura e a bibliografias que me ajudaram muito porque me abriram a mente sobre a perspectiva epistemológica, trazendo obras e discussões que eu desconhecia e que me ajudaram a ir me preparando para fazer meu projeto de pesquisa. Além disso, eles eram jovens pesquisadores animados e muito dedicados, o que me encantou. Li textos de tanta gente interessante como os autores clássicos do Iluminismo, Thomas Holt, Eric Foner, W. Dubois, Edward P. Thompson, Eugene Genovese, Sidney Mintz, Richard Price, Ginzburg, Furet, Natalie Z. Davis entre outros. No curso do Sidney vimos a *República* pelo olhar da produção de Lima Barreto, lendo toda sua obra e como contraponto os textos sobre a modernização do Rio de Janeiro e os cronistas da época. Foi como fazer a graduação de novo, mas sob uma outra perspectiva, uma vez que meu curso na PUC era mais voltado para a licenciatura.

Para coroar meus estudos aconteceu no ano seguinte o *Centenário da Abolição* (1988) e houve um grande Simpósio com a participação de pesquisadores estrangeiros como Barbara Fields, Eric Foner, Thomas Holt, Carlos Ginzburg entre outros. Assim como outros estudantes, eu vibrei e me encantei em ver a minha bibliografia em carne e osso. O MNU [movimento negro] local também criou diversos eventos e eu tive a certeza de que a minha área era mesmo os estudos sobre escravidão e liberdade concluí a especialização em arquivos e me dediquei ao trabalhar em um projeto de pesquisa.

DEFININDO TEMA E LOCALIZANDO REFERÊNCIAS

Como foi a sua entrada na pós-graduação e escolha de temas para estudo?

Minha entrada na pós-graduação demorou uns dois anos. Eu precisei amadurecer o projeto e mesmo dominar melhor a bibliografia. Tive a grata amizade de estudantes que se tornaram minhas amigas, mas fazer amizade no IFCH não era fácil. Eu falei antes os dois professores que mais me impressionaram foram a Célia e o Sidney, há época grandes



amigos. Quando prestei os exames da seleção a Célia estava nos Estados Unidos fazendo o doutorado. Já o Sidney era muito concorrido, mas eu tentei, porém não passei no processo seletivo e fui fazer cursos na Educação. Lá fui convidada para fazer o mestrado em História da Educação no departamento de Educação. Era uma proposta interessante que apostava em trazer novos sujeitos para os estudos. Fiz a seleção e passei e então optei por fazer o mestrado na Educação. Meu tema foi o processo de emancipação de mulheres escravizadas em Campinas entre 1850-1888.

Na Educação tive a grata orientação da professora Olinda Noronha, que me auxiliou nos meandros dos estudos da Pedagogia. Foi muito legal, mas tive dificuldades para desenvolver a pesquisa à luz das orientações metodológicas da Educação, pois nos anos 1990, praticamente não havia estudos como o meu, principalmente que trabalhavam com gênero e o uso da historiografia marxista inglesa. Acabei por desenvolver a pesquisa sob a perspectiva da educação informal uma vez que entendia que aprender os meandros para se obter a liberdade envolvia um processo educacional. Voltei a fazer cursos na pós no IFCH que me ajudaram muito e contei com a ajuda preciosa do professor Bob [Robert] Slenes. Já no doutorado voltei para a História e meu trabalho foi conhecer a vida dos libertos e seus descendentes na pós-abolição. É importante ressaltar que a presença de alunos negros era muito pequena, praticamente restrita a alunos de origem africana.

Você estudou na Unicamp entrando em contato com uma importante geração de historiadores que tiveram muito impacto na historiografia. Como foram suas experiências?

A vivência foi muito boa e intensa. Eu não havia sido aluna desde a graduação lá, mas quem era se dividia em grupos que tinham suas preferências. Havia professores que tinham seus admiradores alunos que por sua vez os imitavam nas ponderações e tudo mais...rsrsrs. Verdade! Havia também as divisões porque estes novos historiadores à época, traziam outras orientações metodológicas, marxistas, mas não mais tão voltadas para as leituras da geração anterior. Então se você fizesse um curso com um professor mais voltado para o Foucault seria bem diferente de um que seguia a linha da *História do Trabalho*. Eu lia muito para poder acompanhar as turmas dos cursos que fazia, mas foi muito rico e com o tempo aprendi a dominar as discussões. As discussões de projeto -- por exemplo -- eram memoráveis, porque às vezes o projeto e a ideia não eram tão



importantes como as orientações teórico-metodológicas suas e de seu orientador. Às vezes, elas eram demolidoras e vi muita gente saindo arrasada. Contudo com o tempo as novas ideias e as velhas ideias historiográficas foram se acomodando. Tive ótimas experiências com colegas de trabalho, mas também tive dificuldades com docentes supercultos que tinham dificuldades de transmitir e manter diálogo. As leituras que fiz neste período são marcas indeléveis na minha forma de pesquisa e escrita e não há como negar que Edward P. Thompson e Wiliam Du Bois estão presentes em meu trabalho.

As defesas de tese também eram memoráveis, porque muitas traziam objetos novos, leituras e perspectivas diferenciadas. Ir às defesas fazia parte do processo. Lembro dos estudos de gênero se iniciando com a professora Maria Stella Brescianni, a professora Mariza Correa [departamento de Antropologia] e o surgimento do Centro de Estudos de Gênero, o PAGU, que trazia sempre pesquisadores atuais. Quando estava no final do meu Doutorado surgiu o CECULT.

Seu estudo foi importante nas abordagens sobre trajetórias e personagens. Você poderia falar um pouco sobre a construção deste objeto e da sua pesquisa?

Ao final do curso de especialização fui selecionada para trabalhar em um projeto que tinha como objetivo a organização da documentação do Fórum de Campinas que já estava na Unicamp, mas no centro de documentação chamado CIDIC que custodiava documentos próprios da Unicamp. Meu trabalho era fichar os processos depositados para um futuro catálogo, que foi publicado em 1992. E eu pude usufruir uma excelente bolsa da FAPESP. Esta bolsa me ajudou muito, pois ao mesmo tempo em que pude me dedicar ao trabalho do projeto também ia conhecendo a documentação do Fórum. Esta experiência com arquivos foi fundamental em minha vida. Aprendi a ler as letras [escritas] dos séculos passados, a conhecer os meandros de um processo [fontes do judiciário] e ao contexto social do século XIX. Mesmo quando a bolsa acabou eu continuei pesquisando e este tipo documental passou a ser minha fonte predileta. Como outros pesquisadores que trabalham com este tipo de fonte “fui picada pelo vírus do arquivo”.

Em Campinas havia uma peculiaridade que mais tarde descobri não ser exclusiva que era uma ativa movimentação das trabalhadoras escravizadas urbanas que tinham diversas funções na área urbana e que conseguiram comprar muitas alforrias próprias e



de membros da família, após a criação deste dispositivo em 1871. A minha investigação se concentrou nas mulheres porque o número de alforrias que elas compravam era muito superior à dos homens, e pelo fato de que sua mobilidade era muito grande, mesmo em uma cidade do porte de Campinas no século XIX. Esta escolha me trouxe por um lado uma tristeza que foi minha reprovação na seleção de Mestrado que em que fiz pela primeira vez onde eu havia optado pelo Sidney [Chalhoub]. Por outro lado, amadureci e a pesquisa me abriu um leque de oportunidades e me aproximou dos estudos de gênero e raça pouco difundidos no início dos anos 1990. Estudar a escravidão em Campinas foi uma porta para entender os micros e macros processos de luta pela liberdade que aconteceram. Houve grandes revoltas e uma movimentação e associativismo fortes que manteve a comunidade negra mobilizada e unida para vida livre na sociedade. Meu último projeto de pesquisa se voltou para estudar as entidades associativas que foram criadas por esta comunidade na cidade como uma escola, clubes de leitura, jornais, entre outras.

INTELECTUAIS E DEBATES ESQUECIDOS

No seu Doutorado você terá a orientação de Célia Marinho, importante intelectual negra e muitas vezes esquecida. Fale um pouco desta experiência.

Minha pesquisa no Doutorado se voltou em conseguir entender o que havia acontecido com a população liberta depois da Abolição, uma vez que a documentação sobre a esta presença era praticamente nula. Parecia ser impossível de ser respondida, ao menos aqui em São Paulo, uma vez que a documentação de Polícia em São Paulo que traz descrições físicas dos presos foi queimada. Porém, tive a ajuda preciosa de um grande amigo e pesquisador Carlos Eugênio Líbano Soares. Ele me falou de uma documentação que havia sido levada para o Arquivo Estadual do Rio de Janeiro, a época estava em Niterói, e depois foi para a Lapa. Nesta documentação havia livros de entrada e saída de presos e constava a presença de muitos libertos com endereço e descrição física completa. Fui conhecer e ela se tornou a principal documentação do meu Doutorado, onde investiguei a migração e as vivências de libertos paulistas que estavam na cidade do Rio de Janeiro.

Foi fantástico porque pude ter acesso ao Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional, e mesmo andar pelas ruas [do centro do Rio de Janeiro] onde moravam meus sujeitos



históricos. O Eugênio ainda me recebia para fazer pesquisa nas férias e eu aprendi muito com ele que conhece arquivos e arquivistas na cidade do Rio. Montei meu projeto e a Célia [professora Célia Maria Marinho de Azevedo] se tornou minha orientadora no Doutorado, pois ela já havia voltado dos Estados Unidos. Ela me proporcionou um contato mais intenso com as discussões teórico-metodológicas que aconteciam nos Estados Unidos onde havia várias perspectivas teórico-metodológicas presentes. E eu ganhei muito com suas indicações e erudição. Fui a sua primeira orientanda de Doutorado. Ao retornar, a Célia acabou por participar de diversos cargos de gestão como a coordenação do Programa de pós-graduação o que como sabemos, ocupa muito tempo e se afastou das pesquisas. Creio que sua aposentadoria precoce está ligada às dificuldades em poder se dedicar mais aos estudos e de difundir outros caminhos epistemológicos como a história comparativa que ela trabalhou tão bem em sua tese. Lembro que ela dizia que nos Estados Unidos havia uma ampla convivência de diversidade nas perspectivas de pesquisa e metodologia, o que não é muito comum nos programas de pós-graduação aqui. A proposição de história comparada na linha de estudos sobre a escravidão veio bem quando se fazia uma reestruturação de linhas e do surgimento do CECULT. A Célia se desligou do grupo de escravidão e foi para uma nova linha onde permaneceu por algum tempo. Estas questões pesaram na sua decisão de se aposentar tão cedo e, embora ela não estivesse mais no mesmo grupo de pesquisa, seu trabalho de Mestrado [livro *Onda Negra, Medo Branco*, Editora Paz Terra, 1986] era muito discutido no CECULT. Só anos depois é que a Célia traduziu e publicou seu Doutorado [concluído no EUA] sobre os abolicionismos do Brasil e Estados Unidos.

HISTÓRIAS, HISTORIOGRAFIAS E HISTORIADORAS

Há uma importante geração de historiadoras negras – intelectuais importantíssimas – no cenário acadêmico brasileiro atualmente. Como você avalia o contexto atual e a inserção de uma historiografia potente sendo produzida por intelectuais negras e negros? Quais os desafios, armadilhas, dilemas e questões centrais?

Acho fundamental diferentes perspectivas que nos aproxime de outros olhares e que valorizem o pensar das novas gerações. Quando fui à Unicamp quase não havia negros e os que existiam eram filhos de adidos diplomáticos ou embaixadores africanos.



Os negros [brasileiros] estavam do outro lado como servidores nas secretarias, gráficas, restaurantes; e isso era mesmo uma divisão nítida. Eu entrei e era estudante negra, de instituição particular, o que nem sempre era visto como uma coisa boa. As barreiras eram claras e, portanto, atravessar não era tranquilo. Tive ajuda de alguns amigos que fui fazendo ao longo do tempo e sempre era entendida como alguém quem tinha vindo de fora porque falava muito e era receptiva aos colegas; o que não era comum aos “alunos típicos” da universidade. Isso que em princípio parecia ser um problema me deu uma vantagem, porque me aproximei de muita gente boa que vinha estudar e viajava, boa parte sempre negros.

Eu vejo a presença de jovens pesquisadores negros com grande alegria. A universidade melhorou, trouxe outras discussões e trouxe diversidade e conteúdos; afinal estudar operários, escravizados, libertos e nem ao menos conviver com eles era mesmo estranho. Mas creio que o apoio as ações afirmativas e o surgimento dos cursinhos gratuitos ajudaram os jovens negros e dos grupos mais pobres a se preparar melhor para poder concorrer e as vagas do vestibular das universidades públicas. Este trabalho voluntário por parte de muitos jovens estudantes das universidades tem sido essencial para alterar os quadros de alunos, trazendo diversidade e os grupos populares para universidade.

Gosto de multiplicidade de saberes; da presença deles nos espaços universitários e na sua força de reivindicação, de novas *epistemes* que podem conviver com outras, o que saúdo e defendo. Ver Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, bell hooks ao lado de Thomas Holt, Barbara Fields, Kwame Appiah na pauta dos estudos é mesmo enriquecedor, aquece meu coração e me dá esperança, sobretudo, porque há muita resistência por parte de uma parte da academia que ainda vê a Europa e o hemisfério norte como o centro do mundo e única possibilidade de ver o *outro*. Contudo, esta luta tem que ter maior precisão em ocupar e manter um lugar ao lado de outras discussões e não jogar fora o que não se aceita, pois corremos o risco de ocupar o mesmo lugar dos nossos opressores. Eu no alto dos meus cinquenta e muitos anos vivi para ver os feitos da rede de historiadores negros, de ver professores brilhantes como a Lucilene Reginaldo, Mario Medeiros e Débora Jeffrey na Unicamp, mas quero ver mais e quero que não sejam cometas. Eles vieram para ficar e muitos mais se espalhar ocuparem outros espaços.

ESPAÇOS E LUGARES ACADÊMICOS

Como você avalia o seu papel acadêmico e intelectual – numa universidade pública – na formação de professores e pesquisadores?

Eu mantive o gosto de dar aula que veio desde que eu trabalhava com pequenos e gosto muito de estar com os alunos. Acho que nosso trabalho é árduo porque a universidade mudou, abarcando novos públicos trazendo também suas dificuldades como a permanência deles na universidade em um momento em que os investimentos como falta de recursos para pesquisa lá em seu início e dedicação dos estudantes e manutenção das nossas investigações desaparecem.

Vejo que o ataque as ciências humanas como outras áreas do conhecimento têm repercutido em uma diminuição da procura por parte dos alunos. Contudo, também vejo um pessoal muito disposto a atravessar as dificuldades, alunos que acreditam em fazer a diferença, em apoiar grupos necessitados, em trabalho voluntário para que outros possam entrar na faculdade, adquirir saberes e pensarem formas de um conhecimento que promova a inclusão e disposição para novas lutas em favor dos grupos populares. Eu acho que nosso papel de pesquisadores e docentes é proporcionar uma mediação de conhecimento de qualidade, e digo mediação porque se aprende quando se está disposto a receber e dialogar. Estas novas gerações estão sendo importantes não só pela sua presença, mas pela infinidade de temas e porque trazem outras perspectivas epistemológicas que estão fortalecendo o campo de estudos. Vi também uma mudança de postura entre os professores e um interesse e defesa pelas ações afirmativas, algo que demorou a acontecer nas universidades públicas paulistas, creio que uma das últimas a aderir ao processo de maior democratização do ensino superior. Quanto ao nosso papel, entendo que trazer estes novos conhecimentos aos alunos e mostrá-los como sujeitos. Fazê-los refletir em sua falta de interesse em ler, seja por problemas históricos de formação, pelo custo do material bibliográfico, também pela crise de produtividade que nos pressiona, pela falta de investimentos e valorização dos professores e pesquisadores em escala mundial, mas bem mais perversa em nosso país neste momento.

São dificuldades comuns às pessoas que vieram das camadas populares como eu, mas que podem ser superadas. Eu acredito que nossa tarefa é importante porque nosso papel é promover o interesse, o desconforto, a quebra do lugar comum e trazer os novos pontos de vista. Vejo muitas pessoas que eram oprimidas ou não se aceitavam -- sua



identidade, origens -- despertando na universidade, imagine o sofrimento. Quando acompanho este despertar sei que o nosso trabalho vale a pena.

PASSANDO O BASTÃO

Fale um pouco dos seus projetos acadêmicos e intelectuais atuais.

Eu atuo como professora de História da África e Brasil Monárquico e meus projetos estão mais ou menos ligados a estas disciplinas. Estudo a história das crianças que foram empregadas domésticas durante a infância e trabalho com as memórias destas pessoas. Este trabalho tem buscado recuperar a história de vida das crianças, conflitos e experiências para entender a formação profissional e social e possíveis mudanças na vida adulta. A grande maioria dos sujeitos são mulheres negras, mas outros não negros e homens também. Continuo meu estudo sobre negros em Campinas no final do século XIX e início do XX que se mantem como minha pesquisa permanente. O outro projeto está ligado a história do processo de colonialismo em especial, a educação dos chamados *povos indígenas* em Angola que eram todos aqueles não aculturados. Estudo especialmente as escolas feitas por religiosos nas décadas anteriores ao processo de independência.

Meu interesse é entender como seu deu e a mudança de orientação que deixa de ser colonialista e passa a ser pró-independência e seu peso na formação dos educandos. Ou seja, tenho trabalhado mais com o período contemporâneo no continente africano e no Brasil. Estou conscientemente enfrentando o desconforto de trabalhar com uma *temporalidade* mais próxima da atual e pensando a luz das novas discussões *decoloniais*.

Recebido em: 01/02/2021

Aprovado em: 15/02/2021